



As pirites alentejanas

Em observação referida à década actual, não existe electricidade sem cobre. Efectivamente, a electrotecnia não sobrevive sem materiais condutores de electricidade e, entre estes, o cobre electrolítico, por ora, não é dispensável como elemento essencial do fabrico da generalidade das máquinas eléctricas, como solução mais utilizada nas redes de distribuição de electricidade e como metal condutor preferido na utilização de energia eléctrica em maquinismos e aparelhos.

Não nos parece polémica a reflexão negativa de que, no que respeita a fontes primárias de energia, o nosso País tenha sido severamente maltratado em quanto abrange as condições naturais de que dispõe: nas circunstâncias actuais, e apenas no que toca à energia eléctrica, só metade das nossas necessidades estão cobertas pelos recursos nacionais. Na evolução a médio prazo, a penúria de meios próprios de abastecimento básico projecta-nos para situações piores.

Ninguém — de modo algum — pode garanti-lo com segurança, nem se adivinha quando, a nossa revista venha um dia a enunciar aos seus leitores o reconhecimento de reservas comerciais de petróleo bruto ou gás natural, que, em muito ou em pouco, venham a suavisar a penúria de fontes básicas de energia disponíveis em território português. Nem quem subscreve estas linhas poderá viver o suficiente para engalanar o editorial da «ELECTRICIDADE» com a notícia da desejada e triunfante vitória da humanidade, logo que sejam descobertas as fontes primárias renováveis e generosamente distribuídas pela Natureza, quando vierem a substituir aquelas que o Mundo está a utilizar e se vão esgotando.

No campo da electrotecnia portuguesa, todavia, nem tudo é negativismos e desesperança.

Reflectamos, com efeito, que a notícia inserida neste número, acerca das pirites alentejanas, alcança insofismável importância na temática da situação energética do País, se aceitarmos como indiscutível realidade a essencialidade do cobre electrolítico no processo electrotécnico.

Por isso a sublinhamos com algum entusiasmo e lhe fazemos o devido comentário que, em certa medida, corresponde a remar contra a maré neste desenrolar dos nossos infortúnios perante a indisponibilidade de meios essenciais à nacionalização de fontes primárias da energia que temos de consumir.

Observemos, antes de mais, que o cobre electrolítico (tal como as ramas petrolíferas) é matéria-prima que

se está progressivamente gastando e vai desaparecendo, mais cedo do que se desejaria, dos jazigos minerais por ora reconhecidos na Terra. Nesta condição, o futuro será naturalmente sombrio dentro de poucas dezenas de anos de consumo.

Por outro lado, o cobre (tal como o petróleo) é matéria-prima essencialíssima na guerra moderna, cujas exigências neste aspecto são largamente comprovadas pela estratégia militar que o classifica entre as maiores preocupações bélicas dos Estados.

Dispor de minérios ricos de cobre, que alimentem cabalmente a metalurgia que possa corresponder às necessidades do País, é por si, efectivamente, um factor positivo a considerar no desenvolvimento sectorial electrotécnico.

Mas a esperança (que os técnicos vaticinam) de que as reservas prospectadas e a prospectar constituem marcantes potencialidades de minério cuprífero e de outros metais, traduz-se em reconfortante expectativa de disponibilidades de exportação para produtos metalúrgicos que a Europa necessariamente cobiça.

Se assim for, as pirites alentejanas virão a ser, indirectamente, uma achega de valor para o abastecimento nacional de fontes primárias de energia, cujas carência e preço têm obviamente de nos preocupar.

Com efeito, é justificado o receio de que o petróleo, dentro de alguns anos, não nos será acessível nem sequer a peso de ouro... Sê-lo-á, por ventura, a peso de cobre electrolítico?! É legítimo o discernimento que responda pela afirmativa.

Sem sairmos do campo das carências energéticas, não é descabido considerar o cobre electrolítico como uma das poucas moedas sensíveis para o mercado de petróleo, quando, aquele e este, se aproximarem dos limites da exaustão que, a dar-se, revolucionará a civilização actual.

Por tudo o que apontámos acima, é pois de salientar a notícia referida neste número, a respeito das pirites alentejanas.

O presente comentário pretende justificar, em medida que supomos certa, a importância dos factos relatados e o destaque que a prometedora notícia nos merece.

F. do A.